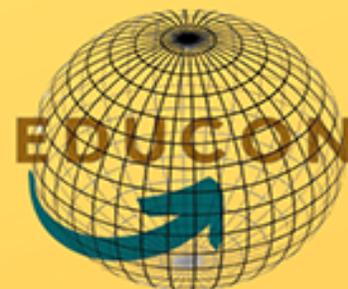




Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 10, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 10 -ENSINO SUPERIOR

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.05>

Recebido em: **31/07/2020**

Aprovado em: **03/08/2020**

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE PEDAGOGIA: PRÁTICAS DOCENTES COTIDIANAS EM DESTAQUE; LEARNING EVALUATION IN THE PEDAGOGY COURSE: FEATURED DAILY TEACHING PRACTICES; EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA: PRÁCTICAS DOCENTES COTIDIANAS EN DESTAQUE

BRENDA CHAVES DIÓGENES

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8761-5646](https://orcid.org/0000-0001-8761-5646)

FRANCISCO CANINDÉ DA SILVA

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5089-284X](https://orcid.org/0000-0002-5089-284X)

RESUMO: O presente artigo discorre sobre a avaliação da aprendizagem no Ensino Superior, a partir do recurso metodológico *diário de pesquisa*, objetivando refletir acerca de como a avaliação vem sendo *pensada/praticada* por professores do Curso de Pedagogia, no espaço da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Teoricamente, recorremos às concepções de avaliação enquanto processo democratizante e emancipatório na formação docente (ESTEBAN, 2013), na relação com os princípios assumidos no Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2012), e práticas de avaliação docentes capturadas por meio de mergulhos nos cotidianos de aulas da disciplina Ensino de Língua Portuguesa. A reflexão produzida nesse entrecruzamento de saberes aponta para outras possibilidades de pensar-praticar a avaliação da aprendizagem nesta etapa da formação.

ABSTRACT: This article discusses the evaluation of learning in higher education, based on the methodological resource field report, aiming to reflect on how the evaluation has been practiced-thought by teachers of the Pedagogy Course, at Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Theoretically, we use the conceptions of evaluation as a democratizing and emancipatory process in teacher education (ESTEBAN, 2013), in relation to the principles assumed in the Course's Pedagogical Project (PPC, 2012), and teacher evaluation practices captured through daily dives in Portuguese Language Teaching classes. The reflection produced in this intersection of knowledge points to other possibilities of thinking-practicing the learning assessment at this stage.

RESUMEN: Este artículo discurre sobre la evaluación del aprendizaje en la Educación Superior, basada en el recurso metodológico *diario de investigación*, con el objetivo de reflexionar sobre cómo la evaluación ha sido *pensada-practicada* por los docentes del Curso de Pedagogía, en la Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Teóricamente, recurrimos a las concepciones de evaluación como un proceso democratizador y de emancipación en la formación docente (ESTEBAN, 2013), en relación con los principios asumidos en el Proyecto pedagógico del curso (PPC, 2012); además, observamos algunas prácticas de evaluación docente a través de inmersiones realizadas en la asignatura de Enseñanza de Lengua Portuguesa. La reflexión producida en esta intersección de conocimientos apunta a otras posibilidades de pensar-practicar la evaluación del aprendizaje en esa etapa de la formación.

INTRODUÇÃO

As inspirações teórico-epistemológicas assumidas nesse estudo, acerca de avaliação da aprendizagem no ensino superior, do Curso de Pedagogia, articulam nosso entendimento de que a função principal da avaliação, não é apenas a de identificar sucesso ou fracasso dos estudantes, se os conhecimentos estudados em sala de aula forem compreendidos na relação com as experiências, desejos e expectativas dos sujeitos, do mundo do trabalho e dos contextos em que estão imersos.

A legitimação dessa relação entre saberes, rompe com concepções hegemônicas de construção de conhecimento, ainda tão predominantes no interior de nossas universidades. A diversidade existente na universidade, articulada pelas diferentes culturas, conhecimentos, classes e grupos sociais é, como afirma Santos (1999) invisibilizada pela lógica de um conhecimento exclusivista que, considerando-se único e verdadeiro, exclui e silencia essa diversidade de saberes, especificamente no ato avaliativo mais objetivo.

Nesse sentido, acreditamos que tanto na escola como na universidade deve-se garantir práticas avaliativas de aprendizagem coerentes com a realidade dos estudantes, fundamentando-se em perspectivas interdisciplinares, com ênfase na diversidade, estabelecendo como objetivo a construção de conhecimentos críticos e reflexivos para que os formandos possam melhor compreender e se inserirem em debates políticos e no mundo em que vivem de maneira mais consciente. Assim, as avaliações devem pautar-se no sentido da compreensão social, política e cognitiva que acolha experiências acerca do que foi aprendido nas trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos como conteúdo relevante no processo formativo acadêmico.

Esse estudo expõe como as avaliações da aprendizagem vêm sendo *pensadas/praticadas* pelos docentes do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A reflexão decorre de mergulhos realizados com todos os sentidos (ALVES, 2008), nos cotidianos de aula da disciplina Ensino de Língua Portuguesa, e registrado no *diário de pesquisa* (BARBOSA e HESS, 2010), procedimento metodológico utilizado no percurso de nossa pesquisa de mestrado. Entender como esses processos avaliativos de aprendizagem têm colaborado com a formação inicial docente, se constitui na principal questão que mobiliza essa discussão.

A formação docente é um trabalho complexo que exige empenho por parte dos profissionais responsáveis, mas especificamente o professor, que em meio a leituras e experiências cotidianas se constroem na relação com seus alunos, saberes da disciplina, saberes didáticos e outros que se entrecruzam nesse *continuum*. Reconhecer esse contexto relacional como produtor de conhecimentos requer destes profissionais, posições políticas e epistemológicas democratizantes, principalmente quando se trata do processo de avaliação.

Pensar-praticar maneiras de avaliar em um processo acadêmico de formação de professores tem suscitado nossa curiosidade epistemológica, especificamente por compreendermos que esse é um processo *complexus* (do latim, tecido juntos), que envolve uma rede de subjetividades de seus praticantes e normatizações das instituições educativas.

Dessa maneira, a avaliação torna-se um ato de reflexão, de investigação e de ação visando à transformação da prática educativa e a formação dos indivíduos. Portanto, não é um fim em si mesma, mas um processo que ocorre de acordo com as vivências do cotidiano universitário. Nesse sentido, compreendemos que a avaliação começa desde o primeiro encontro do professor com seus alunos e qualifica-se como processo de acompanhamento permanente, exigindo, constantemente, ser (re)construído, (re)conquistado, (re)feito de acordo com avanços e retrocessos que acontecem no momento que são vivenciadas.

As avaliações da aprendizagem, nesse sentido, são consideradas processuais, pois representam etapas

de um *continuum* de sujeitos que estão vivos, aprendendo por toda a vida, e independente de alcançar ou não uma média aritmética continuarão criando outras tantas maneiras de aprender mediatizada pelas necessidades e expectativas do mundo em que vivem.

Para melhor compreensão desta discussão, o trabalho está organizado da seguinte maneira: (i) no primeiro momento refletimos acerca do que compreendemos por avaliação da aprendizagem no ensino superior, especificamente no Curso de Pedagogia do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Nesse contexto, apresentamos reflexões que traduzem nosso pensar acerca da formação docente e os desafios de construir práticas de avaliação em cursos de formação docente; (ii) na segunda seção dialogamos com algumas práticas de avaliação empreendidas por um docente do Curso de Pedagogia, do Campus Central da UERN.

Por fim, apresentamos algumas considerações sobre o modo como são *pensadas/praticadas* as avaliações de aprendizagem no Curso de Pedagogia, a partir das produções e práticas cotidianas estudadas.

Avaliação da aprendizagem numa perspectiva democratizante e emancipatória

O que significa avaliar um aluno em contexto de formação docente? As avaliações estão presentes em todo o processo de formação humana – em espaços particulares, nas instituições de ensino públicas e privadas, e assumem diversas concepções considerando o contexto e cenário no qual vão se constituindo. Dessa maneira, existe uma diversidade de avaliações, em que algumas objetivam apenas a repressão dos alunos, são autoritárias e visam quantificar o que foi aprendido, sendo que outras práticas já estão em sintonia com os ritmos de aprendizagem dos indivíduos, e tem por objetivo ser um momento de construção de conhecimento, possibilitando a emancipação social dos envolvidos.

O compromisso das avaliações da aprendizagem na formação inicial de professores deve ser a de estimular uma formação profissional capaz de fazer a crítica sobre a realidade social na qual estão inseridos e, assim, assumir o empenho de perceber necessidades da maioria da população que vive na condição de exclusão social. Significa, portanto, a superação de instrumentos avaliativos que só visam medir ou mensurar conteúdos específicos de determinadas disciplinas.

Essas avaliações que tem objetivo de mensurar conhecimentos, é baseada na ideia predominante de uma sociedade com um sistema harmônico, em que os indivíduos compartilham dos mesmos valores e normas dentro de um quadro de interesses coletivos, e embora esse seja o sentido hegemônico, existem espaços dentro do cotidiano universitário que sinaliza novas maneiras do fazer docente, como a utilização de vários instrumentos avaliativos e metodologias que consideram o contexto do cotidiano dos sujeitos envolvidos com suas particularidades (ESTEBAN, 2013).

Nessa realidade cotidiana permitem-se que ocorram novas aprendizagens entre educador e educando, sendo mais coerente perceber a diversidade de conhecimentos existentes na turma. É importante que esse espaço seja praticado de maneira dialógica, polifônica e polimorfa, possibilitando um lugar que proporcione mudanças na realidade social dos sujeitos envolvidos. Para Esteban (2013), essa característica vai ao encontro da proposta de avaliação emancipatória, cuja prática está vinculada as necessidades, a vida, a cultura em que vivem os alunos, num processo contínuo de *ação/reflexão/ação*, visando transformar determinada realidade.

Para Hoffman (2003), no momento em que se repensam as práticas educativas de acordo com o espaço, o perfil socioeconômico e os aspectos de inclusão/exclusão dos alunos, as avaliações devem ser *pensadas/praticadas* nesta perspectiva emancipatória, que se constitui segundo a referida autora em uma avaliação processual, com a utilização de instrumentos variados, respeitando as diferenças dos sujeitos, em um processo de construção da autonomia e superação de um sistema educativo ideologicamente reprodutivista.

Ainda, é necessário uma reflexão permanente sobre o cotidiano em sala de aula, com acompanhamento da trajetória de aprendizagem percebendo avanços e retrocessos dos alunos na construção do conhecimento, isso exige leituras, envolvimento do professor e aluno com práticas dialógicas para oportunizar vivências enriquecedoras e superação dos desafios (HOFFMAN, 2003).

É no diálogo que cria-se a oportunidade de desenvolvimento dos alunos de encontrar um lugar para expor seus argumentos, compartilhar experiências e modos diferentes de aprendizagens. Para Esteban (2013), o diálogo em sala de aula assume características de heterogeneidade, imprevisibilidade e complexidade com vistas a superação de preconceitos e construção de novos conhecimentos que não são *pensadospraticados* de maneira linear.

Essa perspectiva de não linearidade, articula aspectos fundamentais para a construção de avaliações emancipatórias, como por exemplo, o olhar para a dinâmica social, que ajuda a compreender o funcionamento de um sistema complexo como é o aluno, fortalecendo a necessidade de refletir sobre a dinâmica estabelecida para o processo de ensino-aprendizagem no cotidiano. Assim, as avaliações emancipatórias normalmente não vão obedecer apenas às normas estabelecidas por currículos, vão se fundamentar na impossibilidade da previsibilidade, e na necessidade de perceber a especificidade do cotidiano dos alunos em sala de aula (ESTEBAN, 2013).

No Curso de Pedagogia do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), especificamente na disciplina de Ensino de Língua Portuguesa, percebemos a sensibilidade que a professora tem em relação as avaliações, pois suas práticas vão de encontro com o objetivo de formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com as necessidades sociais de seus alunos, futuros docentes.

Para Esteban (2013), a avaliação da aprendizagem articula-se com o contexto social na qual a formação acontece, e não se limita apenas a produção de respostas prontas e padronizadas. No cotidiano social e da formação acadêmica em que processos avaliativos acontecem, a diversidade, segundo a referida autora se constitui eixo central do processo de aprender-ensinar. Assim, construir avaliações que não desconheçam a complexidade do cotidiano, torna-se prática constante de professores-formadores que trabalham na perspectiva de uma educação democratizante e emancipatória.

As avaliações da aprendizagem exigem do professor um reflexionamento de suas práticas, por meio de diálogo e reflexão com seus alunos para que assim, possam lidar com os desafios e possibilidades proporcionadas pela realidade na qual estão inseridas, principalmente quando se leva em consideração o fato de que existe uma heterogeneidade em sala de aula, fazendo-se necessária uma prática de investigação constante nos cotidianos trabalhados.

E no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Pedagogia/UERN, a avaliação ficou perceptível no sentido de assumir um compromisso com a formação de pedagogos competentes, críticos e comprometidos com as necessidades sociais da população, que necessita de um processo que redireciona os conteúdos do ensino de acordo com a necessidade de produção de um conhecimento próprio, inovador, aderente às necessidades sociais, e a heterogeneidade existente dentro de sala de aula, não se restringindo a uma particularidade (UERN, 2012).

O PPC orienta ainda, que as práticas avaliativas devem ser realizadas de maneiras diversificadas, através da vivência da avaliação formativa, processual e diagnóstica, percebendo avanços e dificuldades, com o objetivo de construir uma postura crítica em face da realidade, na perspectiva da construção de um projeto de educação que ajude a recuperar a organização da classe trabalhadora e, no caso da pedagogia, construa novos marcos teóricos metodológicos para o ensino e a prática, desconstruindo a ideia de avaliação hegemônica (UERN, 2012).

Percebe-se assim, que as avaliações da aprendizagem que se propõem no PPC, devem ser mais dilatadas no que diz respeito a realidade em que os alunos estão inseridos, identificando as

possibilidades e desafios dos diferentes sujeitos em relação a aprendizagem que será desenvolvida frente a construção de novos saberes com comprometimento com as necessidades sociais da população.

Nesse sentido, as avaliações não devem acontecer em apenas um determinado momento destinado a elas, pois observamos que a orientação do PPC atribui-se que as avaliações devem acontecer como processo contínuo, correspondendo aos ideais de uma sociedade justa, tendo em vista o compromisso ético, filosófico, político-social, com objetivo de refletir, teorizar e intervir com ações transformadoras na prática de formação do pedagogo.

Dessa maneira, percebemos que os movimentos das avaliações da aprendizagem no curso de pedagogia requerem a um processo democrático, questionador e reflexivo procurando formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com as necessidades sociais da população, através da produção de um conhecimento próprio, inovador e aderente às necessidades da comunidade. Assim, essas avaliações contribuem de maneira significativa no processo de *ensinaraprender* e na emancipação social em que os alunos estão inseridos.

Dessa maneira, essas avaliações não se restringem apenas aos resultados, pois é um momento que se utiliza alguns instrumentos avaliativos que proporcionam a construção do conhecimento, havendo assim, a *ação reflexãoação* e com isso o aluno para pensar de forma crítica e reflexiva sobre sua aprendizagem e ao mesmo tempo o docente avaliar e repensar sua ação, desse modo, reforçam práticas democratizantes, pois proporcionam um espaço de debate e decisão, e os alunos não apenas consomem essas avaliações mas produzem com os professores.

Avaliação da aprendizagem no contexto da prática docente

Entendendo avaliação da aprendizagem como um processo que ocorre continuamente em sala de aula e nos demais *espaçostempos* da formação acadêmica, reunimos para essa reflexão alguns trechos de nosso diário de pesquisa, que revelam por meio de práticas docentes, maneiras diferenciadas de conduzir a avaliação da aprendizagem numa perspectiva democratizante e emancipatória.

Então, envolvidos com os cotidianos estávamos atentos as falas, metodologias, conteúdos e diálogos em sala de aula, e até mesmo nos corredores durante os intervalos, nos grupos de alunos que se organizavam nos espaços de convivência foi possível experienciar movimentos outros de avaliação da aprendizagem na universidade.

Pensando a avaliação da aprendizagem como um processo que ocorre continuamente em sala de aula e nos demais *espaçostempos* da formação acadêmica, selecionamos para essa reflexão trechos de nosso Diário de Pesquisa que revelam maneiras diferenciadas de conduzir a avaliação da aprendizagem no Curso de Pedagogia.

No mergulho realizado na aula da disciplina Ensino de Língua Portuguesa, percebemos que a Professora Margarida trabalhando o conteúdo Letramento Digital, empreendeu outra maneira de avaliar a aprendizagem dos estudantes. No trecho a seguir, percebemos que a Professora da disciplina Ensino de Língua Portuguesa, estava trabalhando o conteúdo letramento digital, empreendendo outra maneira de avaliar a aprendizagem cognitiva dos estudantes. Os *emojis* utilizados pela professora com a turma possibilitou uma maior participação do grupo, quando se tinha em pauta a ideia de comunicação formal e informal.

O tema da aula seria Letramento Digital, onde houve exposição sobre *emojis*, e foi perguntado aos colegas o significado de alguns através de imagens que trouxeram. Pois, os *emojis* são uma forma de se comunicar (nesse momento os colegas foram bem participativos durante apresentação do grupo). Falaram sobre diferença da comunicação formal e informal, trazendo exemplos do

cotidiano. Um exemplo foi a conversa no *whatsapp* que é algo de utilização na atualidade com linguagem informal, pois as palavras são substituídas por *emojis*, que até mesmo servem para distinguir emoções (Diário de pesquisa de 13 de fevereiro de 2020, Campus Central da UERN em Mossoró/RN).

Sendo a participação, uma das características da avaliação democratizante e emancipatória, observamos que essa prática docente sobre letramento digital possibilitou não somente uma outra maneira de avaliar, como pôs em evidência *emoções* como princípio fundante no momento de *ensinar-aprender*. Nas perspectivas mais conservadoras de avaliação, esse princípio é pouco usado e considerado como existente no momento de avaliar, implicando para esse contexto uma ruptura política e epistemológica.

Nessa abordagem, a avaliação da aprendizagem não se restringe apenas a aferição dos conteúdos trabalhados, mas põe em jogo um conjunto de não-autorizados (CERTEAU, 2011), exigindo da professora, ética e compromisso com a aprendizagem significativa dos estudantes. Obviamente que essa relação mais democratizante, se configura no imaginário da formação docente como disparador de autoria, capacidade que os sujeitos em formação desenvolvem para além do conteúdo programático.

Nesse outro trecho, observamos mais uma prática docente que remete-nos a uma outra maneira de desenvolver a atividade avaliativa, envolvendo os alunos e fazendo-os produzir conhecimentos de maneira significativa. É uma atividade que mobiliza, no âmbito das relações interpessoais, um conjunto de saberes necessários a formação da linguagem, tais como: sequência, intertextualidade, retórica, escrita, etc.

A professora fez a leitura do texto produzido pelos alunos, produzido por cada um deles. Logo após explicou que o objetivo da atividade era fazê-los ler o que o outro já havia escrito. Assim, estimularia a leitura, compreensão, escrita e criatividade (Diário de pesquisa do dia 12 de março de 2020, Campus Central da UERN em Mossoró/RN).

A maneira de conduzir a aprendizagem sobre leitura e escrita utilizada pela professora, aconteceu de maneira diferente, pois percebendo que os alunos poderiam ler no coletivo da turma, desenvolveu a estratégia da escrita continuada. Esses alunos do oitavo período do Curso de Pedagogia, em campo de estágio supervisionado obrigatório, acatam a atividade e reconhecem que esta é uma possibilidade de trabalho didático a ser desenvolvido com sua turma. O ato avaliativo relaciona no processo de formação inicial de professores teoria e prática e ajuda a ressignificar aquilo que a priori estava estabelecido como avaliação.

Nesse contexto, os cotidianos de sala de aula ainda revelaram-se em nosso diário de pesquisa como processo invencionado na e pela prática. No primeiro dia de aula, a Professora de Ensino de Língua Portuguesa explica como as avaliações vão acontecer durante a disciplina.

A primeira avaliação será escrita, acompanhada da elaboração de um vídeo que seria explicado posteriormente. A segunda avaliação será a apresentação de oficinas de letramento organizadas em grupos. E a terceira será uma exposição do material didático produzido durante a disciplina e experiências no estágio supervisionado com Língua Portuguesa (Diário de pesquisa de 07 de novembro de 2019, as 19:00 horas – UERN – Campos Central – Mossoró/RN).

Nessa apresentação, percebemos que a professora reconhece e utiliza como instrumentos de avaliação, prova escrita e trabalhos em grupos que são construídos ao longo da disciplina, assim viabiliza uma diversidade de instrumentos e de oportunidades para seus alunos, rompendo com a concepção e com a prática de avaliações reguladoras de conhecimentos disciplinares, unicamente.

Nesse sentido, as avaliações *pensadaspraticadas* pela professora da disciplina Ensino de Língua Portuguesa estão intimamente relacionadas a inclusão da diversidade, pois sendo o cotidiano em sala de aula heterogêneo, a professora considera a particularidade de cada aluno, ritmos e possibilidades. Para Esteban (2013), a formação de professores não deve ser homogênea ou técnica, pois o profissional docente enfrentará em sala de aula diversos desafios que estão implicados a diversidade, dilemas e particularidades dos seres humanos.

Assim, compreendemos que as avaliações se articulam ao contexto de sala de aula, no sentido de perceber que no cotidiano da universidade, dos cursos de formação, assim como é na vida, não existe uniformidade total, pois a vida é composta por diversas singularidades e a avaliação não pode ser uma prática técnica e uniforme, excluindo as reais necessidades dos envolvidos e suas visões de mundo.

Quando se trabalha nessa perspectiva, o processo de avaliação passa a ser um momento de reflexão, espaço para ouvir o outro, gerando dissensos e consensos que traduzem a complexidade da sala e do movimento de aprender e ensinar em um curso de formação docente.

A professora quer compreender o olhar dos alunos sobre a avaliação, querendo saber a opinião, como se sentiram ao planejar e apresentar uma aula, levando em consideração pontos positivos e negativos. Os alunos começaram a falar e colocaram que se sentiram um pouco inseguros, e que foi pouco tempo para apresentação, mas que teve muita interação da turma, bem participativa. Ficaram em dúvida se usariam a linguagem para os alunos do quarto ano ou para alunos de universidade e que essa estratégia tinha ponto positivo, pois eles utilizariam os planos desenvolvidos em sala de aula na prática dos estágios e o resultado foi bom, pois se sentiram mais seguros e confiantes ((Diário de pesquisa de 05 de março de 2020, as 19:00 horas – UERN – Campos Central – Mossoró/RN).

Nesse trecho fica claro, que existe uma preocupação da professora com a aprendizagem de seus alunos, com o objetivo de reconhecer as dificuldades e desenvolturas existentes dentro do contexto em que estão inseridos, não se preocupando apenas se o aluno está ou não atingindo as notas para ser aprovado na disciplina ou semestre.

Isso demonstra o quanto é importante a participação dos alunos nos processos de avaliação, pois estes conseguem identificar suas próprias dificuldades e também os pontos que se sobressaíram, criando assim situações de aprendizagem, experimentando e corrigindo, por intermédio do diálogo estabelecido com a sua realidade e a realidade social em que todos estão envolvidos, nesse caso, o Estágio Supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental.

A professora Margarida faz a leitura do livro infantil que é didático “o espelho”, a contação da professora prende a atenção dos alunos, por ir contando a história e folheando o livro. O objetivo dessa contação é demonstrar que além de ouvir é necessário o aluno ver e pegar também no livro para sentir gosto e ser instigado pela leitura ((Diário de pesquisa de 13 de março de 2020, as 19:00 horas – UERN – Campos Central – Mossoró/RN).

Após a monitora vai paginando um outro livro “Telefone sem fio”, nesse momento ela só faz passar as páginas pois é um livro só de imagens e os alunos criariam a história na sua própria imaginação. Então a monitora explica que essa maneira também pode instigar o interesse dos alunos em participação, criatividade, na leitura e escrita ((Diário de pesquisa de 13 de

março de 2020, as 19:00 horas – UERN – Campos Central – Mossoró/RN).

A professora e monitora em suas práticas cotidianas conseguem incluir seus alunos durante a explicação sobre a importância da leitura em sala de aula e como realizá-la. Esse é um momento em que o aluno percebe que pode instigar a leitura e escrita de diversas maneiras, e que é importante para o professor ter autonomia de construir suas práticas metodológicas e também avaliativas baseadas em sua realidade e de acordo com as concepções teóricas que trabalham em sala de aula.

Dessa maneira, a aprendizagem acontece dentro do cotidiano com instrumentos variados, que vai possibilitando um processo dinâmico de permanente interação entre educador e educando no desenvolvimento de conteúdos de ensino-aprendizagem, na seleção e aplicação de suas metodologias, bem como no processo de avaliação da aprendizagem que pode ser utilizado para nortear esses caminhos a serem percorridos por docentes e alunos em busca de provocar e estimular saberes.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho nos propomos reconhecer, compreender e problematizar processos de avaliação da aprendizagem utilizadas/criadas no curso, recorreremos, em um primeiro momento, ao PPC do curso. Ressalto que esse contato nos propiciou dispositivos interpretativos *outros* que estavam implícitos e explícitos sobre as avaliações.

Assim, por meio desse contato compreendemos a avaliação sob duas perspectivas. A primeira perspectiva é que a avaliação se encontra intimamente associada com a organização do trabalho de formação, propriamente, dito. A segunda perspectiva é que a avaliação em si, transcende a realidade programada e mais ainda, transforma-se em contexto, propiciando uma formação democratizante e emancipatória. Coerente, sobretudo, com um modo de compreender o processo de educação enquanto trabalho/prática social e política transformadora.

Apoiando-nos na concepção de avaliação traduzida pelo PPC, a proposta é a de que a formação deverá ser *crítica, reflexiva* e política frente a realidade social plural e instável em que se encontram inseridos os estudantes de Pedagogia, futuros professores. Esse compromisso foi representado nas concepções teórico-metodológicas, bem como nos núcleos de estudos que são integrantes do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC) que orienta a formação no espaço institucional pesquisado.

Para problematizar e refletir sobre as práticas avaliativas e suas ressonâncias, antes de estar, propriamente inserida no cotidiano e senti-lo íntima e profundamente, buscamos em alguns teóricos contribuições necessárias para tecer reflexões outras sobre o nosso objeto de estudo. A partir desse movimento apreendemos alguns conceitos, teorias e vivências pertinentes a construção da pesquisa e do texto dissertativo e de seu movimento propositivo.

Em um processo de encontro com autores durante essa caminhada errante, nos deparamos com Esteban (2013) a possibilidade do diálogo com a concepção de *saber e não saber* dos professores e estudantes, que ajudaram a ressignificar nossas ideias construídas no percurso da formação acadêmica. Assim, por meio da (re) construção teórica e do convívio em sala de aula, fomos aprendendo a cada dia, ou a cada encontro, as maneiras de desconstruir aprendizagens *outras*.

Refletir com o que sabe quem erra, significou neste contexto, que existem outras aprendizagens produzidas por meio de outras práticas avaliativas, além do que é esperado. Identificar o que os estudantes ainda não sabem, o que tem dificuldades, mas que vão precisar para se tornarem docentes em espaços escolares e não escolares se constituiu em nossa reflexão sobre avaliações.

O estudo nos possibilitou perceber a complexidade do debate sobre avaliação e sua relação com a aprendizagem no espaço de formação de professores, apesar de não ser uma temática nova, a

discussão sobre avaliação se renova quando o contexto na qual é estudada nos mostra outros significados e desafios a serem refletidos no e a partir dos cotidianos trabalhados.

Assim, percebemos que as avaliações da aprendizagem utilizadas nas disciplinas, possuem como objetivo considerar a realidade em que os alunos estão inseridos e suas aprendizagens, especificamente quando esta avaliação refere-se a estudantes de cursos de pedagogia, cujo eixo é a formação docente.

É importante essa participação do aluno em relação as propostas de atividades, pois é nestes momentos de diálogos e reflexões que se possibilita uma vivência educativa, e isso pode interferir de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem, principalmente quando falamos em avaliações de estudantes de Curso de Pedagogia, pois essas são maneiras de auxiliar na formação inicial destes futuros profissionais da educação.

Por fim, as avaliações da aprendizagem são mais do que uma necessidade pedagógica para identificar as notas/valores, são práticas reais do cotidiano, que possibilitam a reflexão com objetivo reorientar o processo educacional de acordo com as necessidades das turmas, mediante o percurso de aprendizagem. As avaliações nesse sentido devem estimular o movimento de busca de conhecimentos, provocar o interesse e curiosidade, em busca da reorganização e discussões dos assuntos estudados.

O conjunto de reflexões tecidas nessa dissertação, são resultante de um processo de pensamento que se (re)fez, reinventando-se através dos conceitos estudados, das práticas vivenciadas e das conversas realizadas, problematizando assim, as avaliações no curso de Pedagogia. Acrescentamos, que além de ser um objeto de saber e construir conhecimento em relação as práticas pedagógicas, as avaliações são, práticas que desvendam e usam das capacidades, habilidades e conhecimentos dos estudantes que se traduzem, modificam ou criam no processo de aprendizagem.

Com isso, percebemos no cotidiano do curso que as avaliações são usadas inventivamente e se traduzem como processos criativos para driblar a mesmice, que possibilita discussão e reflexão sobre os assuntos abordados de maneira que o estudante sinta as situações concretas de seu cotidiano, possibilitando produção *teórico-prática*.

Os significados de avaliação foram identificados na preocupação dos professores com os estudantes, no sentido de compreenderem os conteúdos e relaciona-los com as práticas que iam vivenciar nas escolas, não como uma cobrança do mercado de trabalho, mas como atividades vinculadas ao *feedback*, como possibilidade do estudante ir se avaliando como professor durante as atividades. Percebemos no cotidiano que existe uma tentativa de romper com modelos de avaliações classificatórias, possibilitando que os momentos de aprendizagens com as avaliações sejam mais prazerosos.

O rompimento que vem sendo produzido no espaço-tempo cotidiano do Curso de Pedagogia do Campus Central da UERN, nos apontou para o *acontecimento avaliativo* enquanto procedimento epistemológico e político docente de natureza democratizante e emancipatória de avaliação, tornando possível evidenciar outras tantas maneiras de uso desta prática educativa docente no contexto do ensino superior. A coragem política e pedagógica de avaliar considerando outros contextos se constitui, portanto, em prática docente que mereceu nosso destaque reflexivo.

REFERÊNCIAS:

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre redes e saberes. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa:** o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano.** Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, R.J: Vozes,1998.

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano.** Artes de Fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Vozes: Petrópolis, 2011.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem era?** Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. 2. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus *et Alii*, 2013.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 20. Ed. Porto Alegre. Mediação, 2003.

HOFFMANN, J. **Pontos e Contrapontos:** do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PEREIRA, L.R.; ANJOS, D. D. O Professor do Ensino Superior: Perfil, desafios e trajetórias de formação. **Seminário Internacional de Educação Superior.** Anais eletrônicos. 2014.

SANTOS, B. S. A construção multicultural da igualdade e da diferença. **Oficina do CES** n. o 135. Janeiro de 1999.

SILVA, E. P.; FIGUEIREDO, M. O. B. S. Docência no Ensino Superior: Desafios e Possibilidades para uma prática emancipatória. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 1057-1068, 2017.

VIEIRA, Alessandra Bandeira; CAMPOS, Elizangela Machado; AMARAL, Domingas de Fátima C.; ROCHA, Franciele Azevedo; CARNEIRO, Stânia Nágila V. Formação docente para uma educação de qualidade. **Revista Expressão Católica** Jul - Dez, 2016; 5 (1)

UERN. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Mossoró/RN, 2012.

[1] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Endereço eletrônico: brendadiogenes@hotmail.com

[1] Professor do Curso de Pedagogia, Campus Avançado de Assu e no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Orientador. Endereço eletrônico: caninprof@hotmail.com